



Apresentação do dossiê

Marxismo & Meio Ambiente

José Roberto Cabrera

O debate sobre as conexões filosóficas e políticas da produção marxista e meio ambiente é cada vez mais atual e urgente. A destruição das condições da vida como a conhecemos, imposta pela lógica do capital, demonstra de forma inequívoca a necessidade de mudanças radicais nas relações entre a economia e a natureza e o modo de produção.

A transformação de tudo em mercadoria impôs dinâmicas de tempo e espaço incompatíveis com os processos naturais, levando o planeta a uma situação de total desequilíbrio e exaustão. Certamente, qualquer dado que oferecêssemos sobre o tema estaria defasado, e infelizmente, para pior. No entanto, a lógica da evolução dos processos pode ser

compreendida com clareza no estudo seminal *Capitalismo e Colapso Ambiental*, de autoria do professor Luiz Marques, historiador da Unicamp.

De acordo com o SRC ([Stockholm Resilience Center](#)), dos 9 limites planetários - clima, biodiversidade, acidificação dos oceanos, uso da água, ocupação da terra, aerossóis, novos elementos químicos, destruição da camada de ozônio, ciclo do fósforo e nitrogênio - 7 estão sendo ultrapassados, gerando efeitos de retroalimentação que criam um ambiente de instabilidade e insegurança.

É no interior desses desequilíbrios que devemos buscar, por exemplo, as causas da Covid-19. O debate sobre as vacinas, por mais urgente e pertinente, é limitado aos efeitos e não às conexões causais dos problemas.

O debate sobre as relações entre os humanos e a natureza é axial no marxismo. Desde a tese de doutorado de Marx, que tratou d' *A diferença da concepção de natureza entre Demócrito e Epicuro*, passando pelo *Debate sobre a lei referente ao furto de madeira* ou a *Situação da classe trabalhadora na Inglaterra* e em *O Capital*, esse tema esteve presente de forma estruturante. Ainda que tenha sido criada uma perspectiva economicista, desenvolvimentista, produtivista e antropocêntrica na tradição marxista, são inegáveis os nexos teóricos entre a luta pela transformação revolucionária da sociedade e a preservação da natureza.

É sempre oportuno lembrar da afirmação de Marx em *O Capital*:

"Do ponto de vista de uma formação sócio-económica mais avançada, a propriedade privada dos indivíduos na Terra parecerá tão absurda como a propriedade privada de um homem sobre outros homens. Mesmo uma sociedade inteira, uma nação, ou mesmo todas as sociedades

existentes num dado momento, em conjunto, não são donos da Terra. São simplesmente os seus possuidores, os seus beneficiários, e têm que a legar, num estado melhorado, para as gerações seguintes, como *boni patres familias* [bons chefes de família]".

O dossiê que segue é uma tentativa inicial de apresentar as principais contribuições sobre o lugar da natureza no interior da teoria marxista, as relações entre o modo de produção capitalista e a destruição ambiental e as conexões entre outras elaborações críticas ao produtivismo e a luta socioambiental.

O objetivo foi apresentar a produção teórica que se consolidou no campo marxista, seus principais autores, debates assim como as lacunas evidentes. Nesse sentido, ainda que a tradição marxista possibilite uma avaliação crítica da lógica de funcionamento do metabolismo do capital, sugerimos outras epistemologias as quais contribuem para o debate do lugar do humano na natureza e as relações que com elas desenvolve, numa perspectiva distinta, mas provocadora, capaz de abrir novas portas para o debate. Situam-se aqui por exemplo, as obras de Rachel Carson, Nicholas Georgescu-Roegen e Murray Bookchin.

É importante destacar o papel desempenhado pelas publicações marxistas e de esquerda em torno do debate ambiental como *Capitalism Nature Socialism*, *Monthly Review* e *Ecologia Politica* que há décadas buscam estimular o debate e a produção na área. Da mesma forma, o portal *Climate and Capitalism* dirigido por Ian Angus.

Nessa produção os trabalhos de James O'Connor, em torno da ideia de uma segunda contradição do capitalismo derivada da destruição das condições naturais, assim como as obras de John Bellamy Foster e reforço do conceito de ruptura metabólica, que caracteriza a lógica do capital, seja

nas formas de alienação do trabalho ou na submissão da natureza aos ditames do mercado, a acumulação por expropriação de que nos fala David Harvey.

Resta apontar ainda os debates em torno da ideia de Ecosocialismo, cujas referências teóricas se assentam nos trabalhos de Barry Commoner, Michael Löwy, Joel Kovel e outros, e que orientam as elaborações estratégicas de movimentos e organizações e que, de alguma forma, estabelecem campos para

Muitas obras e autores estão ausentes dessa lista por minha única e exclusiva responsabilidade. As limitações de tempo e acesso foram grandes e a tradição eurocêntrica de nossas formações dificultaram a inclusão de muitos títulos.

Agradeço o desafio proposto pela editoria de marxismo²¹, assim como a paciência e disponibilidade dedicada para o debate demonstrado nesse processo por José Correia Leite.

Por último, gostaria de propor um *dossiê* em movimento. Como este tema tornou-se central, sugiro que transformemos esse documento num processo, onde, em princípio, os interessados pelo tema possam interagir num Google.docs e acrescentem outras publicações que não tenham sido indicadas até o momento.